

1^a Parte

Estudios

Versos de Camões e Petrarca na Cadeia do Mestre Sílvio Elia

*José Hélder de Souza**

A cadeia (de ouro?) do mestre Sílvio Elia, membro da Academia Brasileira de Letras, começou a ser urdida quando o Senador Jarbas Passarinho, também da Academia Brasileira de Letras, pronunciou discurso sobre Machado de Assis em sessão solene do Senado Federal na qual, por iniciativa de outro acadêmico brasileiro, Nelson Carneiro, então Presidente da Câmara Alta, foi comemorado o cesquicentenário do “bruxo do Cosme Velho” (vide Revista da Academia Brasileira de Letras, nº. IX, 1989). Jarbas Passarinho, como orador oficial da solenidade comemorativa, relembrou seus muitos encontros com Machado de Assis, desde sua juventude e aprendizado literário até sua atuação como Ministro da Educação. Declarou ter então, em determinado encontro, num discurso, parodiado o mestre Machado numa de suas muitas frases feitas, para dar exemplo de situação dificultosa, intransponível, e disse: -“Entre os sonhos do poeta e as flores do jardim, há o muro da casa”. Basear-se na frase: “Entre a mão e a espiga, há o muro”. O orador da solenidade senatorial lembrou ainda que depois alguém criticou o Ministro da Educação que, no fortalecimento de sua retórica, valera-se de frase erudita sem citar a autoria ou a fonte. Aí entra o mestre Sílvio Elia e sua cadeia à qual também pretendemos, sem presunção, acrescentar mais uma argola. O filólogo e acadêmico, em carta enviada para a direção da Revista da Academia Brasileira de Letras, defendeu nosso colega Jarbas Passarinho. Esclareceu que em citações desta natureza não há necessidade de mencionar o autor. -”Plágio de frase célebre não existe” - afirma o mestre Sílvio Elia na carta cheia de erudição e de graça crítica, publicada na Revista da

* José Hélder de Souza, membro da Academia Brasileira de Letras e correspondente da Academia Cearense de Letras.

Academia Brasiliense de Letras, nº. X, 1990/1991, página 303. Noutro trecho desta carta Sílvio Elia afirma: “O ter parodiado o sutil bruxo do Cosme Velho valeu-lhe [a Passarinho] instigante reação em cadeia, a que venho acrescentar mais um elo”. Quem ficou esclarecido - ouve ou lê tais citas é que deveria ter ciência suficiente para identificar a frase e perceber a intenção do orador ou do escritor de fazer uso de um trecho erudito para melhor ornar seu estilo, num escrito ou numa oração.

Para esta afirmação do mestre Elia, fomos encontrar o devido apoio em Ernest Robert Curtius e seu livro magnífico no qual não nos cansamos de abeberarmos-nos, encantados, em erudição e ensinamentos. Trata-se do volume *Literatura Européia e Idade Média Latina* (Instituto Nacional do Livro, 1979, tradução de Teodoro Cabral), um dos mais ricos livros sobre literatura, estilos, metáforas, poesia, retórica, escolas literárias e autores formadores da cultura ocidental, herdeira dos romanos.

Ensina-nos Curtius ter Montesquieu procurado enriquecer, com lirismo e evocação das musas, a introdução ao seu célebre livro *O Espírito das Leis*, fazendo algumas alusões e aproximações com os autores antigos, especialmente os latinos, como era usual. Escreveu então ter “abandonado aos ventos as folhas que já havia escrito” e, mais adiante, diz que na elaboração de seu famoso trabalho “sentia todos os dias caírem as mãos paternas”. Alguns críticos, informa Curtius, acharam esses trechos de Montesquieu obscuros e procuravam saber a que ou a quem aludiam. Escreve então Curtius (pág. 622): “Montesquieu achara descortês indicar o autor, pois todo leitor culto devia conhecer os versos. Procedem do intróito do VI livro da *Eneida*, de Virgílio”.

Na tradução da *Eneida* para o português, feita pelo maranhense Manoel Odorico Mendes (*Virgílio - obras completas*, Edições Cultura, São Paulo, 1943), tais versos ficaram assim: “Não confies, t’o rogo, às folhas versos, / Nem dos ventos ludibrio aos ares voem: / Tu mesma os cantes”. É um pedido de Enéias: que a Sibila não confie seus “oráculos a folhas soltas, para que não sejam joguete dos ventos” - explica Curtius. O outro verso parodiado pelo autor de *O Espírito das Leis*: “Não fosse, Ícaro, a dor, nessa obra prima / Teu caso entrara foi gravá-lo em ouro, / Duas vezes falece a mão pater-

na". Virgílio refere-se ao escultor Dédalo que tentou esculpir a figura do filho na portada do templo e a dor de sua perda lhe fez falecer a mão de artista. Isto esclarecido, voltemos ao elo inicial.

Voltando assim ao princípio da cadeia, relembremos o dito de Jarbas Passarinho: "Entre os sonhos do poeta e as flores do jardim, há o muro da casa". Paráfrase, bem lançada, da frase feita lida por ele no *Memorial de Ayres*, de Machado de Assis "Entre a mão e a espiga, há o muro", repetamos. Machado, por certo, o lera em Camões ou em Petrarca. O certo é que o poeta italiano o criou em soneto célebre e Camões o incluiu em episódio do seu poema épico, *Os Lusíadas*. O verso do poeta italiano da Renascença, Francesco Petrarca, é: *Tra la spiga e la man qual muro é messo?*

Mexe que mexe em algumas edições do poema épico de Luis Vaz de Camões, com quem me dou a intimidades desde os bancos escolares do Ginásio São João, em Fortaleza, Ceará, a ponto de ser apelidado de "Camões", acabei vendo a trabalhadeira dada aos estudiosos da obra do vate lusitano a inclusão de tal verso de Petrarca no fim da estrofe 78 do Canto IX de *Os Lusíadas*, no episódio conhecido como "A Ilha dos Amores". Vinham, narra Camões, os nautas lusitanos em demanda da pátria "pelo mar ingente", depois da descoberta das Índias, "quando houveram vista da ilha namorada", onde aportaram para fazer aguada na derrota de retorno ao porto pátrio.

Na bela ilha viveram aventura singular com as formosas habitantes da Insula de Vênus - as Nereidas. Deram-se os marujos ao fogofofo esporte de persegui-las, ardentes de desejo, quando se viram que "nuas lavar se deixam na água pura". "Lionardo, soldado bem disposto, / Manhoso, cavaleiro e namorado, / A quem amor não dera um só desgosto", passa seguir a ninfa "Efire, exemplo de beleza, / Que mais caro que as outras dar queria / O que deu, pera dar-se, a Natureza". O Lionardo apaixonado, perseguindo-a pelos silvedos, "já cansado, correndo, lhe dizia:/ Ò fermosura indigna de aspreza, / Pois desta vida te concedo a palma/ Espera um corpo de que levas a alma! "Aí aparece o tal verso de Petrarca - o moço Lionardo já desesperançado de alcançar, em todos os sentidos, a bela Efire, ainda lhe diz: "Espera: quero ver, se tu quiseres, / Que sutil modo busca de escapar-te; / E notarás, no fim deste sucesso, / "*Tra la spica*

e la man qual muro he messo". O trecho camoniano está assim na edição de *Os Lusíadas*, organizada por Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, comemorativa do centenário da morte de Luis de Camões, 1980, página 312. Nas "Anotações" sobre este Canto, Paulo Ramos informa, *ipsis litteris*: "V. 80. – Verso de Petrarca, "Rime" [Trad.: "Entre a espiga e a mão, ergue-se (sempre) um muro]. Esta-va explicada a origem da transcrição camoniana, usada para figu-rar a dificuldade vivida por Lionardo diante do forte impecilho para satisfazer seu desejo de ter o amor de Efire. Só foi esquecida a vírgula depois de **man**...

Lembremos que a primeira reprodução do verso de Petrarca, feita linhas acima, tem grafia e estrutura do verso inserido por Camões no fim da estrofe 78 do Canto IX, conforme a edição da Porto, feita por Paulo Ramos. As diferenças estão em *spiga* e *spica*, e ainda em *he* e *é*. Começa neste ponto, digamos, se não for impróprio, uma ciranda literária a ampliar a cadeia do mestre Sílvio Elia.

Sobre o verso como o citamos pela primeira vez [Tra la spiga e man, qual muro é meso], foi encontrada uma nota de pé de pá-gina na edição de *De Lusíadas*, organizada e comentada por Francis-co da Silveira Bueno, catedrático de Filologia Portuguesa da Univer-sidade de São Paulo, Edições Ouro, Rio de Janeiro, MCM-LXV. O comentário (página 658, nota 2), do mestre Silveira Bueno a propó-sito do verso e sua transcrição, camoniana, numa corrigenda, diz textualmente: "*Tra la spica e la man qual muro he messo* - Camões não citou corretamente o verso do soneto 43 de Petrarca". Silveira Bueno translada então, corrigindo o vate português, todo o tal soneto 43 ["Se col cieco desir"...] grafando o indigitado verso 80 da composição petrarquiana e posto por Camões como último verso da oitava 78 do Canto IX de seu grande poema, deste modo: "*Tra la spiga e la man qual muro é messo*?" Depois prossegue Silveira Bueno: "Não se sabe por que motivo citou Camões este verso de Petrarca, ele que não sabia italiano. Tanto não sabia que em lugar de *spiga*, colocou *spica*, pensando que a primeira não fosse italiana por ser igual à portuguesa".

Diante de tal assertiva de um filólogo da autoridade de Francis-co Silveira Bueno, só nos restou procurar outras fontes e ver de que

lado estava a verdade, embora já a tivesse, dita pelo mestre Sílvio Elia. Mas dansemos mais em volta deste verso e destas palavras.

Vejamos a edição comemorativa do IV centenário de *Os Lusíadas* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1972), com prefácio de Hernâni Cidade, na qual se propõe a estabelecer a verdade sobre a edição “princeps” da obra, datada de 1572, a que ostenta, na portada, a gravura, do pelicano, com o bico posto para a esquerda. Nela a transcrição camonianiana do verso de Petrarca, está assim escrita: “Tra la spica & la man, qual muro he messo”. Observe-se que cidade julga ter sido esta edição *princeps* revista pelo próprio Camões. Ademais, esta edição, de 1972 feita por Hernâni Cidade, é facsimilar.

A questão não para por aqui. Prossigamos. Ternos agora *Os Lusíadas* - edição anotada para leitura popular, por Francisco Sales Lencastre, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1915. Na “Advertência” com que abre o livro, Lencastre afirma que o texto do poema de Camões manipulado para esta edição tinha sido revisto pela “distinta romanista, a sra. D. Carolina Michaelis de Vasconcelos”. Na página 361, do volume 2, vamos encontrar o verso de Petrarca usado por Camões na “Ilha dos Amores”, deste modo: “Tra la spiga e la man qual muro é messo” - como vemos, *spiga* e não *spica* e mais a ausência da vírgula e a volta do é. Nada sabemos de Sales Lencastre; mas Carolina Michaelis de Vasconcelos, sabemos, é um dos mais ilustres nomes da filologia e autora do livro, entre outras obras de importância, *Vida e Obra de Luis de Camões*, o que nos intriga bastante...

O mesmo engano “*Tra la spiga e la man qual muro é messo*” - *spiga*, ausência da virgula e o *é*, se é que assim podemos, dizer, foi cometido na edição de *Os Lusíadas*, do Real Gabinete Portugues de Leitura, do Rio de Janeiro, MDCCCLXXX, com prefácio de Ramalho Ortigão (pag. 335) - é de admirar! - no qual o autor estuda a posição de Camões dentro da Renascença.

Nas *Obras de Luis de Camões*, Lello & Irmãos Editores, Porto, Portugal, 1970, na página 1357, o verso de Petrarca inserido na estrofe de Camões, está lá: “*Tra la spica e la man, qual muro é messo*” - reaparece a virgula e o *é* volta. Andemos adiante.

Os Lusíadas, introdução, fixação do texto – atualização ortográfica -, notas e glossário, por Vitor Ramos, da Universidade de São

Paulo, Cultrix, 1974, nesta edição, lemos no trecho em exame: "*Tra la spica e la man qual muro he messo*" - sem a virgula. No pé da página, Vitor Ramos faz observação parecida com a corrigenda de Silveira Bueno: "Verso de Petrarca (*na verdade spiga e "é" e não "he"*) que significa: que muro se levanta entre a spiga (sic) e a mão?".

Passemos... a outro elo. "*Tra la spica e la man, qual muro é messo*" - é como está o verso na edição de *Os Lusíadas* organizada e prefaciada pelo camonianista Afrânio Peixoto, autor dos livros *Dicionário dos Lusíadas* e *Camões e o Brasil*, para a W.M. Jackson Inc. Editores, Rio de Janeiro, 1964. Afrânio Peixoto refere-se às sucessivas edições do poema e à fé no texto de 1572. Não obstante...o é..

Para não ficar por aqui em nossas interrogações, vejamos ainda *Os Lusíadas* - Edição comemorativa do 3º Centenário da Restauração da Independência de Portugal, 1960, Companhia Editora do Minho, Barcelos. O prefácio é também de Hernâni Cidade e o professor Eleutério Cerdeira faz um estudo introdutório sobre as duas edições de *Os Lusíadas* surgidas em 1572, dando preferência, como edição *princeps*, para aquela que tem na portada do livro a gravura do pelicano com o bico voltado para a esquerda do leitor. Aquilino Ribeiro, sobre a questão, dizia o contrário: a ave olha para a direita. Nesta edição minhota, o verso vem impresso assim: "*Tra la spica e la man, qual muro he messo*".

Para, finalmente, fechar a cadeia, voltemos a quem a tramou - Sílvio Elia. Na edição do poema de Camões feita pela Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1980, ano do quarto centenário da morte do poeta, o mestre Elia figura como comentarista dos aspectos filológicos da obra. E a respeito do verso petrarquiano aproveitado por Camões, diz ele, como disse na carta enviada para a Revista da Academia Brasileira de Letras, que o verso é assim mesmo: "*Tra la spica e la man, qual muro he messo*". Jarbas Passarinho observara ter o poeta trocado **spica** por **spiga**. Neste ponto Sílvio Elia, na já tão falada carta, assevera: "E aqui é que vai o elo que prometera acrescentar. Camões não cometeu tal deslize. O que se lê na edição *princeps* de 1572, que tem na portada o pelicano com o bico voltado para a esquerda do observador (e também nas boas edições), é *spica* e não *spiga*". Donde se conclui que Camões, muito provavelmente, sabia italiano e lera Francesco Petrarca... pronto, assim está fechada a cadeia, solidamente.